

"A Arte é eterna e não se cala": um olhar pensante para as aulas de Arte no Ensino Médio

"Art is eternal and not silent": a look at the art classes in high school

ALINE FERNANDA HUBER VICENTE LIBERATO*

Artigo completo submetido a 3 de maio e aprovado a 23 de maio de 2015.

*Brasil, Artista visual. Professora de Artes Visuais para Ensino Médio, Santa Branca. Licenciada em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (FEBASP). Pós Graduada em Arte, Comunicação e Educação pela Faculdade Paulista de Artes (FPA). Pós Graduada em Gestão, Supervisão e Coordenação Pedagógica pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

AFILIAÇÃO: Governo do Estado de São Paulo, Secretaria Municipal de Educação do Estado de São Paulo, Escola Estadual Professor Waldemar Salgado. Rua João Pessoa N° 12, Bairro : Centro. Cidade: Santa Branca. Estado: São Paulo, Brasil. E-mail: e045457a@see.sp.gov.br

Resumo: "Olhar e pensar" o trabalho desenvolvido no Ensino Médio de uma escola pública brasileira é o foco deste projeto que promoveu o acesso e o contato com a Arte em diferentes linguagens e lugares, ampliando e possibilitando o fazer criativo, o desenvolvimento do percurso pessoal e o protagonismo dos alunos, considerando e inserindo contextos e características desta faixa etária, de forma significativa e poética.

Palavras-chave: arte / ensino médio / protagonismo / percurso pessoal e nutrição estética.

Abstract: "Look and think" work in high school of a Brazilian public school is the focus of this project that promoted access and contact with art in different languages and places, expanding and enabling the creative making, staff development course and the role of students, considering and entering contexts and characteristics of this age group in a meaningful and poetic form.

Keywords: art / secondary education / leadership / personal and aesthetic nourishment route.

Procurando e abrindo caminhos

O artigo aqui apresentado “surge” como continuidade de um trabalho em Arte onde as discussões, reflexões, sugestões e decisões conjuntas entre professora e alunos já eram práticas recorrentes e haviam gerado um projeto anterior.

Além desta consideração, foram motivadores e impulsionadores para a realização deste trabalho:

- O envolvimento conseguido com o trabalho por projetos;
- A necessidade de dar continuidade ao desenvolvimento do percurso pessoal criativo dos alunos;
- A necessidade de ampliar o repertório imagético e artístico destes;
- A motivação que a inserção de novas e atuais linguagens da arte no trabalho com alunos de ensino médio proporciona;
- A possibilidade de articular modalidades, linguagens e áreas do conhecimento em torno de uma proposta.

O projeto “*A Arte é eterna e não se cala*” foi desenvolvido em Santa Branca, interior de São Paulo, cidade com aparência de antiguidade: pequena, rural, pacata, tradicional, com forte cunho religioso, de uma beleza e poesia ímpares, sendo inclusive chamada de “cidade presépio”; que guarda e propaga costumes e tradições antigas, “conservadoras e simples”, contrastando com o perfil jovem e contemporâneo dos alunos da E.E. “Prof. Waldemar Salgado”, única escola de ensino médio existente no município.

Mapeando o caminhar

Proporcionar o acesso e o contato com a Arte produzida além dos muros da escola, em diferentes linguagens e lugares, ampliando e possibilitando o fazer criativo/significativo, o desenvolvimento do percurso pessoal dos alunos e a “capacidade” de decifrar e ler os códigos artísticos visuais presentes na contemporaneidade, bem como na história da arte, aproximar o “micro interiorano” do “macro nacional e internacional”, foram objetivos deste trabalho que, fundamentou-se na vivência e na crença da professora de que os alunos podem e devem ser protagonistas de suas aprendizagens.

Construir identidade, agir com autonomia e em relação com o outro, e incorporar a diversidade são as bases para a construção de valores de pertencimento e responsabilidade, essenciais para a inserção cidadã nas dimensões sociais e produtivas. Preparar indivíduos para manter o equilíbrio da produção cultural, num tempo em que a

duração se caracteriza não pela permanência, mas pela constante mudança — quando o inusitado, o incerto e o urgente constituem a regra e não a exceção —, é mais um desafio contemporâneo para a educação escolar (Fini, 2008).

Desafiador e ao mesmo tempo aglutinador, foi considerar a faixa etária com a qual trabalha o ensino médio, os interesses desses alunos no fazer/aprender/apreciar Arte, a inserção de novas tecnologias, a linguagem dos adolescentes e jovens, o contexto no qual vivem e circulam, o lugar e o tempo em que se encontram.

Nos dias atuais, quando a Arte busca seu lugar, dentro da educação, como área de conhecimento relevante, pertinente e importante no que tange à expressão de sentimentos, ideias, pensamentos, sensações e como promotora de transformações sociais, culturais e pessoais, foi preciso contemplar o ser humano integral, inteiro/completo e não apenas o cognitivo, a fim de que os alunos se tornassem protagonistas, propositores e criadores e não meros reprodutores do meio e da história.

Caminhando e fazendo o caminho

Não começamos do zero, nem sobre algo totalmente “em branco”. Qualquer início de trabalho já nasce no meio de intenções, desejos, expectativas, inquietações e saberes. Saberes construídos a partir da nossa própria vida como alunos, da leitura e estudo de textos daqueles que transformaram a sua prática e o seu pensar sobre ela em teoria, de nossa vivência como docentes, do que sabemos e intuímos daqueles educandos que estarão em nossa frente em determinado lugar, vindos de determinada família, em determinado bairro, cidade, com uma proposta curricular específica ou não (Martins, Picosque & Guerra, 2009).

Revisitando o percurso dos trabalhos já realizados e estudados, relacionando artistas de lugares, épocas e estilos diferentes, acabamos (os alunos e eu) por escolher dois “Vicentes”: um Van Gogh de sobrenome e “impressionista/moderno” de produção/poética; e outro Muniz de sobrenome e contemporâneo de pesquisas e produção/poética. No entanto, tanto um quanto outro se encontraram (no olhar/relatar dos alunos) no “simples”: da proposta, da temática, dos materiais utilizados.

O primeiro movimento foi envolver a exploração de linguagens, modalidades, espaços/lugares, materiais, técnicas, artistas, períodos da história da arte e a oferta de vivências, experimentações, visitas educativas à exposições e espetáculos artísticos, apreciações, comparações, acessos, observações, leituras, discussões, trocas e pesquisas. O próximo foi realizar uma articulação com



Figura 1 · Alunos produzindo uma Assemblage. Fonte: própria.

Figura 2 · Alunos utilizando materiais diversos para compor o trabalho. Fonte: própria.



Liberato, Aline Fernanda Huber Vicente (2015) "A Arte é eterna e não se cala: um olhar pensante para as aulas de Arte no Ensino Médio."

Figura 3 - Alunos produzindo painel em graffiti no muro da escola. Fonte: própria.

Figura 4 - Graffiti produzido por alunos no muro da escola. Fonte: própria.

Figura 5 - Alunos realizando uma apresentação cênica. Fonte: própria.

outras áreas de conhecimento, num trabalho interdisciplinar que envolveu inclusive os familiares.

Iniciamos os trabalhos com conversas, pesquisas e discussões propiciadas, por exemplo pelos filmes “Sonhos” (Akira Kurosawa, Japão / EUA, 1990, 119 min, cor) que possibilitou uma “viagem” através das obras de Vincent Van Gogh, e “Lixo Extraordinário” (Lucy Walker; Karen Harley, João Jardim, Reino Unido / Brasil, 2010, 99 min, cor) que revelou o poder transformador da Arte, a obra de Vik Muniz e a mudança de vida dos catadores de materiais recicláveis apresentados no vídeo.

Com esta bagagem de estudos, apreciações e conhecimentos, cada qual se apropriou de uma “técnica” para expressar suas ideias e sentimentos, fazendo com que a nutrição estética e artística fosse ganhando forma: desenhos com materiais diversos (lápiz grafite, lápis de cor, giz de cera, giz pastel oleoso, carvão vegetal) onde a textura foi bastante explorada e utilizada, gerando resultados diversos e ricos; xilogravuras e linóleo gravuras explorando o contraste da tinta gráfica preta impressa sobre suportes de cores variadas e muitas, e permitindo a vivência do ato de gravar, cavar, abrir veios, linhas e formas sobre a madeira usando ferramentas até então desconhecidas; pinturas com mais de um tipo de tinta (guache, nanquim, acrílica, óleo) que revelaram gestos, pinceladas, misturas e cores, num passeio motivador e curioso pelo universo pictórico; assemblages, colagens e construções sobrepondo/justapondo/compondo com tantos elementos/materiais ousaram experimentar (Figura 1 e Figura 2).

Pesquisas e exploração de variados suportes, tamanhos e formatos que transitaram por materiais e olhares convencionais, contemporâneos e recicláveis tecendo relações e diálogos entre estes, entre as obras referências dos artistas escolhidos (Van Gogh e Vik Muniz), e gerando ousadias como: visitas à unidade de coleta de materiais recicláveis da cidade, a procura de objetos que criassem efeitos diferenciados nos trabalhos, composições e apresentações. O resultado era tão arrebatador por juntar arte e material reciclável, que surpreendia até mesmo aqueles que as propunham. Trabalhos individuais e coletivos permeando os fazeres, gerando desafios, trocas e resultados mais ricos, interativos e dialógicos.

Os alunos realizaram uma verdadeira interação com a Arte, acessando, conhecendo, explorando, pesquisando e desenvolvendo atividades em diversas linguagens. Entre elas, uma atual da juventude e das ruas, o graffiti.

Esta arte considerada como “marginal” começou a ser vista de outra forma, por outro viés e com isto, foi ganhando reconhecimento. A forma de expressão dos jovens fora da escola ganhou status de arte, de expressão artística, de comunicação de ideias, sentimentos e valores. Ganhou respeito. Aqueles que até



Figura 6 · Alunos realizando uma apresentação de dança. Fonte: própria.

Figura 7 · Trabalhos realizados pelos alunos e expostos no corredor da escola. Fonte: própria.

Figura 8 · Alunos criando cenário para apresentação dos trabalhos. Fonte: própria.



Figura 9 · Flash Mob/performance realizado pelos alunos durante visita à exposição dos trabalhos. Fonte: própria.



Figura 10 · Detalhes dos trabalhos e visibilidade de movimentos ganham destaque através da luz negra. Fonte: própria.

então eram vistos como “pichadores, delinquentes” passaram a ser vistos como produtores de arte.

Essa valorização foi explicitada nos muros da escola que se tornaram suporte para os trabalhos e espaço de visitação e apreciação dos moradores do entorno e transeuntes (Figura 3 e Figura 4).

Durante o processo o interesse e a afinidade de alguns alunos com a dança e o teatro foram aflorando, sendo necessário estabelecer duas vertentes para este projeto: uma contemplando a linguagem das artes visuais e outra com foco na linguagem da dança-teatro. Essas vertentes eram articuladas e dialogavam entre si, mas careciam de encaminhamentos e investimentos diferentes.

Entram em cena as parcerias já estabelecidas e as formações das quais participei e ou participava e que ofereciam novos movimentos. Com este suporte, apreciamos e participamos de visitas e espetáculos de dança da “Cia. Balé da Cidade de São Paulo”, que proporcionou o contato direto com os bailarinos, e possibilitou que os alunos pudessem, pela primeira vez, estar, ver e sentir a magia e a emoção da dança ao vivo e em um espaço consagrado que é o Theatro Municipal de São Paulo; assistimos o filme “Ela dança eu danço 4” (Scott Speer, EUA, 2012, 106 min, cor) que também despertou interesse dos mesmos para pesquisa e experimentação através da dança.

De volta à escola, alguns elementos foram abordados em sala de aula, como continuidade e extensão das aulas/visitas: a organização, o figurino, a iluminação, a música, as coreografias, o patrimônio histórico (Theatro Municipal) e sua arquitetura, são exemplos.

Novas pesquisas e discussões ocorreram e a arte invadiu literalmente a escola: alunos criando passos, coreografias, figurino e a sala de aula virando um verdadeiro estúdio/ateliê, onde o olhar, o sentir, o experimentar, o trocar e o ousar foram fundamentais para o resultado final (Figura 5 e Figura 6).

Atividades com os alunos envolvendo a paisagem sonora, a escuta musical, pesquisas, paródias e visitas à Sala São Paulo para assistirmos concertos da Orquestra Sinfônica de Heliópolis e Osesp (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo), a pesquisa, escolha e a montagem das trilhas sonoras para cada coreografia, foram resultados de um desafio proposto aos alunos que despertaram o interesse e o gosto pela música, que se envolveram de forma direta e se sentiram capazes e participantes ativos no processo de criação e apresentação desta proposta.

Alguns alunos se arriscaram na organização/cenário dos espaços, deram ideias e criaram os ambientes onde as apresentações e a exposição aconteceram, aproximando-se das discussões e ações de curadoria que realizamos durante os diferentes anos do ensino médio.

O corredor da escola foi o espaço escolhido para a Mostra dos trabalhos. Suas paredes foram cobertas, seu piso forrado, luzes negras foram instaladas e o espaço que era pequeno tornou-se grande aos olhos dos que montavam (Figura 7). Além deste espaço, foram utilizadas salas de aula que, para fazer viajar ou proporcionar a imersão dos visitantes ao que estava sendo apresentado, receberam piso adequado às apresentações e cenários que dialogavam com estas: releituras, reciclagens, instalações, sons, texturas, cores, referências, leituras e painéis (Figura 8).

Os figurinos seguiram o mesmo processo e, ao mesmo tempo, se inseriram no contexto das apresentações e se destacaram dentro destes, conseguindo comunicar, expressar e encantar.

As salas que tinham suas portas diretamente no corredor, serviram de “coxia” para a saída dos alunos que surpreenderam os visitantes ao surgirem todos de preto realizando um flash mob/performance que lançava mão dos efeitos da luz negra (que dava visibilidade aos movimentos e detalhes de trabalhos não perceptíveis com a luz elétrica “normal”), da expressividade e gestualidade dos corpos e promovia interação com o público presente e os trabalhos expostos (Figura 9 e Figura 10). Momentos de encanto, surpresa e sensações.

Sinalizando o caminho

Quanto mais o aprendiz tiver oportunidade de resignificar o mundo por meio da especificidade da linguagem da arte, mais poder de percepção sensível, memória significativa e imaginação criadora ele terá para tomar consciência de si mesmo e do mundo (Martins, Picosque & Guerra, 2009).

Cabe dizer que, fosse em outro contexto, essas questões e encaminhamentos passariam despercebidos, pois seriam o esperado e o óbvio. No entanto, considerando a distância entre o que se produzia, via e estudava em arte na escola e o que se produz, vê e pesquisa na arte realizada fora da escola, estes movimentos se tornam significativos e divisores de água entre o que se tinha estabelecido e o que se alcançou com o projeto. O mesmo pode ser apontado no que diz respeito ao conceito e olhar que muitos alunos tinham de si mesmos, do lugar onde vivem, da sua história e cotidiano, do espaço escolar e as construções e realizações que se permitiram desenvolver. O medo, a vergonha, a desvalorização, a falta de compromisso, a baixa autoestima de alguns, deram lugar à segurança, ao envolvimento, à exposição de si, de seu corpo e de seus saberes/vivências/experiências e in experiências.

A variedade e amplitude de produções e realizações apontam para um exercício de autonomia e confiança no que se conhece, estuda, produz, expõe e deseja. A mudança na postura e olhar de alguns alunos, como no caso das coreografias apresentadas no corredor da escola, também são exemplos de superação e validação da nossa caminhada durante esses meses. O dançar da aluna deficiente auditiva demonstra que esta limitação não se tornou obstáculo, nem motivo de desistência, mas enfrentamento, consciência de si e de seus potenciais.

Os demais passos e procedimentos que foram organizados/articulados sofreram modificações e alterações, pois: as descobertas dos alunos criavam demandas; a falta de recursos mobilizava a equipe escolar e promovia a busca por soluções de problemas ou abandono de ideias e propostas; a exploração dos materiais demonstrava que não apresentavam os resultados e ou a durabilidade necessária; os espaços físicos disponíveis para produção, ensaios e armazenamento de trabalhos eram insuficientes ou inadequados aos desejos e necessidades; o horário e permanência expandidos no ambiente escolar requeriam o envolvimento de outros professores ou responsáveis pelos grupos de alunos que vinham ensaiar ou dar concretude aos seus projetos em horários contrários; o estranhamento e o “incômodo” causados nos demais professores, aulas e funcionários exigiram muitas intervenções, negociações, mediações, paciência e perseverança para que o projeto como um todo não fosse abandonado ou distorcido.

...os projetos refletem uma atitude pedagógica fundamentada numa concepção de educação que valoriza a construção do conhecimento. ... é uma intenção que precisa ser continuamente avaliado e replanejado...pode ser transformado durante sua concretização, na medida em que novas ações precisem ser inseridas a fim de que os objetivos e os conteúdos possam ser alcançados (Martins, Picosque & Guerra, 2009:148).

Verdadeiro dizer também que nem tudo foram flores, que alguns não conseguiram caminhar junto ou se viu como parte de todo este trabalho, processo. Que alguns não gostaram dos resultados ou não se viram contemplados nas ações e produções que realizaram. Que outros, ainda precisam vencer seus medos, inseguranças, dificuldades; ampliar os olhares, conhecimentos e fazeres; rever propostas e posturas; ousar; ouvir, olhar, sentir e se propor a.

O mesmo pode-se dizer da mudança de posturas e posicionamentos frente aos trabalhos e à escola como um todo: o compromisso, o sentimento de pertença não brota ou se resgata de forma tão rápida: requer persistência, crença, tolerância, escuta, mergulho nas questões que podem ser da escola, da educação, do mundo dos “adultos/professores/direção”.

Mas penso que este é desenho recorrente na educação: diversidades, diferenças, tempos variados, aprendizagens várias, pessoas/alunos muitos e com necessidades específicas.

Olhando e pensando o caminho percorrido

... o estudo da linguagem da Arte nos faz parceiros estéticos quando interpretamos e criamos significação para uma obra que olhamos e que nos olha, provocando ressonâncias em nós, abrindo fissuras em nossa percepção, arranhando nossa sensibilidade por meio de seus signos artísticos. Por isso é que certos saberes, habilidades e sensibilidades só se formam inventivamente quando há uma experimentação e experiência nas linguagens artísticas, tanto como criador quanto como leitor de práticas artísticas. (Brasil, São Paulo, Secretaria da Educação, 2011:193).

Para um projeto denominado “A Arte é eterna e não se cala”, acredito que o objetivo primeiro deste foi alcançado, pois conseguimos perceber que, embora em diferentes lugares e épocas, com diferentes produtores e produtos, sempre há trabalhos que nos tocam, causando encanto, questionamento ou estranhamento, mas comunicam. Portanto, eterno, constante, dinâmico. Concomitante a isto, em nenhum momento a Arte, os alunos, eu, os demais profissionais se calaram, sentiram-se coagidos ou constrangidos diante de tantas linguagens, de dificuldades e possibilidades. Ao contrário, quanto mais conhecíamos e fazíamos, mais nos percebíamos autores desta história, destas produções, desta proposta; maior foi o envolvimento e o sentimento de pertencimento a este “mundo” e ao mundo.

Por vezes, a insegurança ou a “vergonha” pode ter limitado ações, projetos, falas, mas não silenciou, não paralisou.

O projeto denominado “A Arte é eterna e não se cala”, recebe neste texto

o complemento “Um olhar pensante para as aulas de Arte no Ensino Médio”, pois se configurou num momento de compartilhar, sonhar e pensar nossa atuação em sala de aula, e de tomada de consciência de que a Arte não é apenas “atividade”, mas sim uma disciplina importante para o desenvolvimento cultural, artístico, pessoal e educacional de cada um de nós, permitindo-nos, como docentes, alunos, artistas, cidadãos, continuar criando e recriando, no tempo presente e nos espaços ilimitados, as perspectivas de viver e de transformar o que existe em termos de Educação e de Arte, tornando-nos assim, pessoas mais críticas, sensíveis e, evidentemente, melhores.

Referências

Brasil, São Paulo (Estado) Secretaria da Educação (2011) *Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens. Códigos e suas tecnologias*. Secretaria da Educação, coordenação geral, Maria Inês Fini. Coordenação de área, Alice Vieira. 2ª ed. São Paulo: SE, 260 p.

Fini, Maria Inês (Ed.) (2008) *Proposta Curricular do estado de São Paulo: Arte*. São Paulo: SEE.

Martins, Miriam Celeste; Picosque, Gisa & Guerra, M. Terezinha Telles. (2009) *Teoria e prática do ensino da arte: a língua do mundo: volume único: livro do professor*. 1ª Ed. São Paulo: FTD.